

**Eixo N° 2:** Da demanda à entrada em análise: seus impasses, o gozo, o Um, formalizações possíveis.

**Da demanda à entrada em análise: seus impasses, o gozo, o Um, formalizações possíveis**

**Coordenadores:** María Eugenia Cora (EOL) / Silvana Facciuto (EOL)

**Integrantes:** Eliana Amor (Buenos Aires), Florencia Bojanich (Rosário), Camila Candiotti (Santa Fé), Sebastián Diorio (Buenos Aires), Martina González Arufe (Buenos Aires), Leslie Iso (Buenos Aires), Graciela Lucci (Buenos Aires), Deborah Lazzeri (Bariloche), Claudia Lijtinstens (Córdoba), María Marciani (Rosário), Christian Martin (La Plata), Federico Oyola (Ushuaia), Marina Posata (Neuquén), Rodrigo Skarlovnik (Buenos Aires).

Então, sejam mais descontraídos, mais naturais, quando receberem alguém que venha lhes demandar uma análise. Não se sintam forçados a dar-se ares de importância. Mesmo como bufões, vocês estão justificados de sê-lo<sup>1</sup>.

Jacques Lacan

Justifica-se que estejam, têm de estar, mas então, têm de entrar. Como o analista entra na vida dos pacientes? Além disso, como entrar quando não estamos na época do Outro que não mais existe, mas dos Uns sozinhos? Quando a transferência para a psicanálise não está dada, um analista constrói uma porta.

Sem ter proposto de antemão essa questão, que foi um achado, articula-se ao trabalho da nossa dupla. “O problema da entrada em análise é o da entrada do analista, de sua entrada no mundo do paciente”, diz Miller no capítulo *Em vista da saída*<sup>2</sup>. Vamos por aí.

Algumas questões orientaram nosso percurso: O que é formalizado em uma análise? Classicamente, a formalização do sintoma marca a entrada em análise como momento de passagem e conclusão das entrevistas preliminares. Nosso eixo interpela se é possível

---

<sup>1</sup> Lacan, J., *A terceira*, Rio de Janeiro, Zahar, 2022, p. 22.

<sup>2</sup> Miller, J.-A., *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023, p. 97.

formalizar esse passo que vai da demanda à entrada em análise. A demanda pode ser formalizada? A formalização é uma elucubração ou um matema? Trata-se de demonstrá-la, transmiti-la.

Perguntamo-nos sobre os inícios e as entradas; pelas condições de possibilidade do discurso analítico em nossos contextos de exercício da prática: consultórios, hospitais, obras sociais, a Rede, escolas, tribunais, universidades, serviços prisionais, centros de saúde nas diferentes cidades do país. Considerar essas variáveis supõe o reconhecimento do que muda e do que permanece o mesmo.

Encontramos duas vias distintas: da demanda à entrada e das entrevistas preliminares à entrada. Formalizar é diferente de sancionar via ato do analista. As entradas, quem as sanciona?

Com Freud advertimos que apenas entradas e saídas da análise podem ser formalizadas. Em *Como terminam as análises*<sup>3</sup>, em referência a “Os Embaixadores”, de Holbein, Miller localiza que há um elemento que só pode ser visto ao se virar. Ou seja, só *après coup* pode ser sancionado: “Você já entrou”. Assim como o fim é sancionado pelo analisante, a entrada é marcada pelo analista, “[...] com a condição de ter sido investido com o status de analista pelo paciente”<sup>4</sup>.

Mas não vamos tão rápido. A partir da proposta de trabalho, sublinhamos o problema de precisar as entradas em análise quando estamos na via do *sinthome*: o gozo, o Um, os impasses e suas possíveis formalizações.

Classicamente, a formalização refere-se ao sintoma e o algoritmo de transferência implica a conexão entre os significantes, a suposição de saber e do sujeito. Diante das consultas atuais, devemos nos perguntar a respeito da forma como um analista consegue se introduzir como *parceiro do sinthome*.

Como dar lugar à escuta quando o que se apresentado está do lado dos corpos curto-circuitados da palavra e do inconsciente? Propomos localizar *momentos de entrada* no dispositivo, em cada caso; isolando, se possível, a situação atual da transferência, não tão ligada à retificação subjetiva, mas a saber “seguir a inclinação das palavras do analisante”<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 100.

<sup>5</sup> Lacan, J., *Seminário 25, Momento de concluir*, aula de 15 de novembro de 1977 (inédito).

Apostamos na presença do analista que sustente a posição analisante. Quem analisa hoje? Podemos diferenciar a experiência analítica da lógica da cura e, além de qualquer fórmula, temos o termo *tratamento*: tratar o real do sintoma ainda sem contar com o inconsciente e o trabalho de decifração.

Os pacientes vêm para eliminar um sofrimento. Requerem a manobra do analista para delimitar os efeitos do gozo desregulado: transbordamentos, excessos, disrupções. Como ler então o *problema* clínico? As marcas de gozo podem ser tornar legíveis desde o início: o impacto de *lalíngua* no corpo escreve a letra do encontro traumático com um gozo desconhecido. Esse Um que comemora a irrupção do gozo do *sinthome*<sup>6</sup> não se decifra como verdade, não se interpreta. Apontar-se-á ao seu uso: fazer; saber fazer.

Marcas a serem lidas desde o começo. Por isso, a aposta está no *começar*, isto é, pegar um pedaço de algo e usá-lo. O analista entra dessa forma no mundo do analisante.

### **Da demanda à entrada**

A entrada em análise implica um encontro inédito com um real que leve ao chamado a um saber suposto, que vinculamos à instalação da transferência. O encontro com o saber suposto pode, por sua vez, precipitar uma queda no sem sentido e, desse modo, permitir a sintomatização. As entrevistas preliminares são secundárias com relação às transferências já presentes. Miller relata que o sujeito suposto saber recobrirá, em seguida, a destituição subjetiva que este passo atesta<sup>7</sup>. Acredita-se em algo ou se começa a acreditar. Há lugar, então, para o encontro com um real contingente, que somente em retroação poderá ser enunciado e vivido como um começo de análise.

Voltemos à pergunta: como o analista entra no mundo do paciente? E a partir daí. Como se passa da demanda à entrada na análise? Não há formas típicas, mas orientações.

Nas vinhetas clínicas que trabalhamos em nossos encontros, uma analista relata o uso de seu corpo no preparo das merendas; outra relata como faz uso do espaço da escada e da sala de espera e como a intervenção “não quero separar você de sua mãe” permitiu que uma menina consentisse em entrar no consultório, embora com a porta aberta. Foi preciso produzir outro

---

<sup>6</sup> Miller, J.-A., *Perspectiva dos Escritos e Outros escritos de Lacan*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011. p. 76-87.

<sup>7</sup> Miller, J.-A., “C.S.T.”, *Clínica lacaniana: casos clínicos do Campo Freudiano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

movimento para poder fechá-la. Nesses casos, o analista tem de produzir um forçamento para entrar. Uma advertência: um forçamento que torne possível a entrada, mas que sustente a paciência e a prudência do tempo necessário, o de cada *parlêtre*. O ato do analista produz consentimento. Entra, discreto, mas decidido, com uma dupla face para extrair algo e produzir uma surpresa.

Laurent em seu comentário sobre o depoimento de Vitale<sup>8</sup> afirma: “então, neste suposto 'não vou fazer', faço alguma coisa”<sup>9</sup>. Nesse caso, “não vou te tirar daí” e o sujeito entra em análise. O que aconteceu? Trata-se de um significante que tocou o corpo e, nesse sentido, pôde “ludibriar o inconsciente”<sup>10</sup>. Ele toca o corpo pela via do *Witz*. A frase do analista “não vou te tirar daí” se junta com a passagem ao divã, sancionando a passagem da demanda à entrada em análise. A equivocidade está localizada: não vou te tirar da depressão e, ao mesmo tempo, não vou te tirar do divã para ao qual te faço passar. Isso ressoa.

## Consentimentos

O dizer sim ou não do analista é um ato que sustenta ou rechaça a demanda. A demanda de análise é a única que o analista pode satisfazer. Mas uma demanda decidida não implica um desejo decidido. É necessária a passagem da demanda ao desejo sustentado pelo desejo do analista. O analista valida o desejo decidido e uma posição subjetiva<sup>11</sup>.

Mas há também o consentimento do analisante. Requerer-se-á um desejo decidido para a entrada em análise, que se produza uma passagem da demanda de análise a um desejo de análise. Assim, a entrada em análise implica em um duplo consentimento: o do analista e o do analisante. O consentimento surge a partir da interpretação. Uma menina se separa da mãe para entrar no consultório, um menino deixa seu objeto sujo e aceita o que lhe foi dado pela analista. São entradas em análise? Podemos pensar que são efeitos que implicam algum consentimento ao trabalho. Antes da entrada em análise pode haver um trabalho analítico que se sustenta no desejo do analista.

---

<sup>8</sup> Laurent, E., “Comentários”, *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, n. 28, Buenos Aires, Grama, 2020. Tradução livre.

<sup>9</sup> *Ibid.* p. 132. Tradução livre.

<sup>10</sup> *Ibidem.* Tradução livre.

<sup>11</sup> Miller, J.-A., *Causa y consentimiento*, Buenos Aires, Paidós, 2019. Tradução livre.

## O sintoma

O que acontece com o sintoma na entrada? Reinoso em *Ap/bertura* 3 afirma que “o sintoma analítico se precipita na entrada em análise. Sai de um estado selvagem em direção a uma formalização enodada à transferência. O sintoma no início das entrevistas preliminares é uma perturbação da ordem universal, é algo do que não funciona, enquanto o sintoma analítico supõe a abertura a um deciframento no sujeito. Com efeito, é signo de portas abertas à interpretação”<sup>12</sup>.

O analista está incluído no sintoma, mas como o analista entra no sintoma na época do Um, na qual a suposição está em questão? Em *Los signos del goce*, Miller diz que “se tomarmos o gozo como ponto de partida, é preciso pensar na palavra que não se dirige ao Outro, por isso Lacan inventou o conceito de *lalíngua* [...]”<sup>13</sup>. Passar da linguagem à *lalíngua* ou do sujeito ao *parlêtre* é passar da problemática do Outro à do Um. É o Um que vai deixar entrar o Outro, já não é mais uma questão de suposição de saber, mas uma questão sobre o corpo, o gozo e o *parlêtre*.

## A entrada em análise do *parlêtre*

No *Seminário 23*, Lacan diz que somos responsáveis pelo nosso saber fazer e pelo nosso sintoma, e no *Seminário 24* fala sobre o saber-se-virar, não localizando nenhum suposto saber. O conceito de transferência vai se transformando no último ensino dando lugar a outras modalidades de suporte. O analista fará manobras não mais tentando fazer existir o inconsciente como uma elucubração, mas pela via do suposto-saber-ler-de-outro-modo<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Reinoso, A., “A precipitação do sintoma analítico e a *suppositio*”, *Ap/bertura*, n. 3, 2023. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/ap-bertura-3-2/>, Acesso em: 20 de agosto de 2023.

<sup>13</sup> Miller, J.-A., *Los signos del goce*, Buenos Aires, Paidós, 2010, pp. 342-343. Tradução livre.

<sup>14</sup> Lacan, J., *O seminário 25, op. cit.*, (inédito).

O analista segue a inclinação das palavras do analisante, mas não do lugar de suposto saber, mas daquele *que segue*. Laurent afirma que “é preciso, para isso, separar o Um e o diálogo”<sup>15</sup>. O Um não precisa do suposto para falar, ele dialoga sozinho; então: como entra o analista? O analista maneja desde o início introduzindo-se no programa de gozo fechado do *parlêtre* a partir de um fazer que desvia o olhar e produz um curto-circuito na pulsão. É uma forma de tratamento da disrupção do gozo, o que implica também ser disruptivo em relação à ordem prévia.

### **A modo de intervalo**

Uma referência à *Proposição de 9 de outubro de 67* é escutada de outro modo em uma apresentação oral. “Basta um *mais* de gozo” escuta-se o equívoco: “Basta! Um *mais* de gozo”.

A sanção das marcas de gozo separa, corta e localiza a entrada em análise. O analista diz a Vitale que passará ao divã e isso constitui um acontecimento de corpo ao mesmo tempo em que sanciona a entrada. O *sentado* que nessa ocasião fazia referência ao petrificado equivoca no analisante com outro *sentado* com valor de  $S_1$ : “Esse cara nasceu sentado”<sup>16</sup>. Isso nomeia sua posição particular na vida.

*Sentado* é um significante que pode nos orientar na via do Um. É o Um como orientação que irá se recortando, separando-se dos  $S_2$ , deixando de fazer cadeia, localizando uma insígnia, iterando até o osso. Utilizamos a referência de E. Laurent em *La lógica de las entradas en análisis*: “tudo está ali desde o começo e a análise termina de acordo com a forma como iniciou. Trata-se de ir localizando os “Bastas!””.

Se pudéssemos responder a cada ponto do nosso eixo, fecharíamos outra porta, não mais a que se atravessa em uma experiência de análise, mas a que precisamos manter sempre aberta para conversar entre nós e continuar estando à altura de nossa época.

Tradução: Federico Oyola

---

<sup>15</sup> Laurent, E., “Disrupções do gozo nas loucuras sob transferência”, *Opção lacaniana: Revista Brasileira e Internacional de Psicanálise*, n. 79, julho, 2018, p. 56.

<sup>16</sup> N.T.: No original: “Este tío bolas nació sentado”.

Revisão: Gustavo Ramos  
Luis Francisco Camargo

## Referências bibliográficas

- Assef, J., *Argumento*, Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/argumento-e-eixos-tematicos/> Acesso em: 20 de agosto de 2023.
- Lacan, J., *A terceira*, Rio de Janeiro, Zahar, 2022.
- Laurent, E., *Modos de entrada en análisis y sus consecuencias*, Buenos Aires, Eolia-Paidós, 1995.
- Laurent, E., “La lógica de las entradas en análisis”, *Revista Freudiana*, n. 15, Escuela Europea de Psicoanálisis-Catalunya, 1995.
- Mandil, R., “A entrada na dimensão temporal de uma análise”, *Ap/bertura*, n. 3, 2023. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/ap-bertura-3-2/>, Acesso em: 20 de agosto de 2023.
- Miller, J.-A., *Los signos del goce*, Buenos Aires, Paidós, 2010.
- Miller, J.-A., *Causa y consentimiento*, Buenos Aires, Paidós, 2019.
- Miller, J.-A., “C.S.T.”, *Clínica lacaniana: casos clínicos do Campo Freudiano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- Miller, J.-A., *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023.
- Reinoso, A., “A precipitação do sintoma analítico e a *suppositio*”, *Ap/bertura*, n. 3, 2023. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/ap-bertura-3-2/>, Acesso em: 20 de agosto de 2023.